

Estações Menino Deus e Tristeza são religadas

Departamento Municipal de Água e Esgotos voltou a afirmar que a água disponibilizada nas torneiras é potável

/ CLIMA

Fabrine Bartz

fabrinebartz@jcrs.com.br

Em meio a maior enchente do Rio Grande do Sul, Porto Alegre também enfrenta uma emergência sanitária. Das seis Estações de Tratamento de Água, três estão em funcionamento na Capital, a Belém Novo, que abastece 200 mil pessoas na região do Extremo-Sul da cidade, e a São João, que atende 425 mil pessoas na Zona Norte. Já a ETA Menino Deus, religada na tarde de ontem, abastece 37 bairros da Capital e atende a cerca de 500 mil pessoas. Mais tarde, por volta das 18h30min, foi religada, também, a ETA Tristeza. A previsão, segundo o prefeito Sebastião Melo, é de que até sexta-

feira a operação esteja normalizada na cidade.

A CEEE Equatorial realizou tentativas de reenergizar a região. O Dmae busca religar tanto a Estação de Captação de Água Bruta quanto a Estação de Bombeamento de Águas Pluviais número 12, próxima à rótula das cuias, que auxilia a drenagem. “Buscamos uma linha exclusiva para redirecionar a energia elétrica apenas para o bombeamento do Dmae”, explicou o diretor-geral do Departamento Municipal de Água e Esgotos (Dmae), Maurício Loss.

Além disso, Loss esclareceu que a água disponibilizada nas torneiras pelo Dmae é potável. Já o ponto de captação do sistema do Moinhos de Vento, que abastece grande parte dos hospitais da Capital, encontra-se muito alagado. O

Dmae solicitou a blindagem do local para que seja possível isolar e esvaziar a água dentro da estação de bombeamento. A recomendação é de que sejam retirados botes próximos à região da rua Lima e Silva como medida de segurança.

Os 16 caminhões-pipas disponibilizados pelo poder municipal estão restritos ao abastecimento de hospitais, asilos e geriatrias. Caminhões-pipas de outras regiões do País devem chegar nos próximos dias. Em um caso extremo será utilizado o sistema de abastecimento da Ambev, fabricante de bebidas.

Melo abriu a coletiva da tarde desta terça fazendo uma prestação de contas, devido a informações que circulam em nível nacional referente à ausência de recursos destinados ao sistema de drenagem em Porto Alegre. Foram men-



PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

Loss, Melo e Gomes falaram sobre as medidas que vêm sendo adotadas

cionados algumas ações como, por exemplo, os R\$ 107 milhões destinados à limpeza do Arroio Areia, o que tem evitado que transborde com em outras ocasiões.

Na educação, as aulas da rede municipal estão suspensas até a próxima sexta-feira, 10 de maio.

As unidades não atingidas atendem alunos e familiares. O mesmo vale para a rede privada. Já os eventos públicos estão suspensos por 15 dias, de 6 a 20 de maio. No comércio, a recomendação é suspender as atividades também até sexta-feira.

‘A água ainda não terminou de entrar em Porto Alegre’

TÂNIA MEINERZ/JC



Moradores são resgatados por voluntários e Exército no Menino Deus

Cláudio Isaías

isaiaasc@jcrs.com.br

A inundações que atingiu o Rio Grande do Sul é a maior da história do Brasil. Em Porto Alegre, que vive uma situação sem precedentes, as águas do Guaíba não terminaram de entrar e vão demorar para baixar, segundo avaliação do engenheiro ambiental Iporã Possantti.

De acordo com o hidrólogo, doutorando do Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), o sistema de proteção com bombas, muros e diques é falho, resultando na entrada da água. A previsão otimista é de que a situação dentro de duas semanas, levando em conta o fato de que a meteorologia prevê mais chuvas, o que vai levar à elevação do nível do Guaíba. “Ou seja, vai

continuar entrando água por muitos dias no Guaíba e vai demorar para sair da Capital”, destaca.

Mesmo com a estabilização do nível do Guaíba, isso não quer dizer que a água não vai entrar na cidade. “Porto Alegre está num nível menor que o Guaíba. Fizemos um mapeamento das áreas inundadas e, onde não está inundado, ainda vai estar, porque a água continua entrando na Capital. Vai entrar mais água”, comenta.

Para que as pessoas possam voltar para suas casas em bairros como o Menino Deus e a Cidade Baixa, é necessário, além de o Guaíba baixar, que pare de chover na bacia inteira, ou seja, em toda a parte dos rios dos Sinos, Jacuí, Caí e Taquari. Outra questão é que o estuário da Lagoa dos Patos teria que dar conta de escoar a água para o oceano, algo que depende do volume de chuva previsto para o Sul.

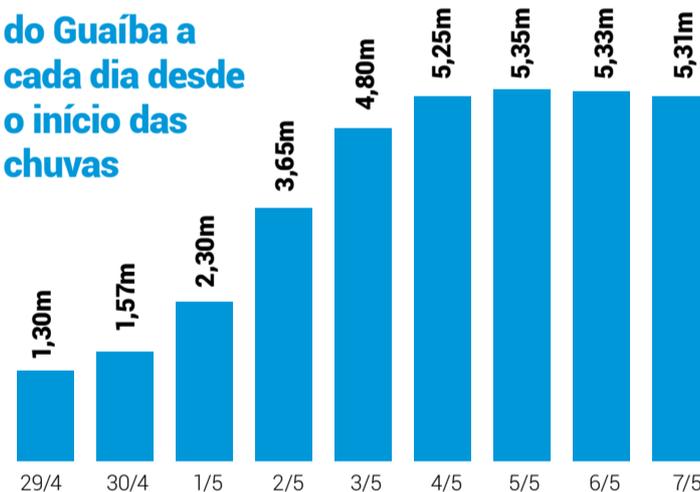
Como se deu o aumento do nível do Guaíba

Juliano Tatsch

juliano@jornaldocomercio.com.br

Era madrugada de segunda-feira, dia 29 de abril, quando começou a chover em Porto Alegre. A chuva caía com força também no Interior, nas regiões da Serra, nos Vales, no Centro e no Norte gaúchos. Naquele dia 29, a 1h, o Guaíba batia em 1,30 metro, bem distante da cota de alerta de 2,5m e ainda mais longe da cota de inundação, de 3 metros. O nível porém, foi subindo, na medida em que as águas que fizeram os rios Jacuí, Caí, Taquari, Sinos e Gravataí encherem e transbordarem chegavam ao lago da Capital.

Nível máximo do Guaíba a cada dia desde o início das chuvas



FONTE: AGENCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA) E SECRETARIA ESTADUAL DO MEIO AMBIENTE (SEMA)

CARLOS FABAL/AFP/JC



Em Porto Alegre, o bairro Sarandi foi um dos bairros mais afetados pela cheia